

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 658

Título: "CONSULTÓRIO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): SOBRAL, AUGUSTO

Adaptador: ?

Realizador: ?

Locutor: ?

Data de produção: ?

Data de Emissão: ?

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
	SENHOR
	SENHORA
	RAPAZ
	EMPREGADA

Estado de conservação: Bom  Razoável  Mau

Tipo de Suporte:

Original  Cópia

Registo Sonoro: Sim  Não

Nº do Registo Sonoro:

*1658*

(V.S.F.F.)



**Notas:**

- NÃO TEM REGISTO DOS NOMES DOS ACTORES

**Indexação:** - TEATRO RADIOFÓNICO

CONSULTORIO

de

AUGUSTO SOBRAL

*substitui o original  
texto tirado em stencil*

PERSONAGENS:

- SENHOR (De 55 a 60 anos. Pela aparência,  
inexpressivo e calmo) Costa Ferreira
- SENHORA (50 anos que poderiam parecer 70 se não  
fosse a verticalidade seca) Adelaide João
- RAPAZ (20 anos. Frágil, procurando a sua força  
no exterior) Carlos Avilez
- EMPREGADA (Nova, qualquer idade. Atraente,  
loira se possível) Ana Paula

Cenário de SENA DA SILVA

Encenação de ARTUR RAMOS

CENA:

Sala de espera de um consultório médico tendo à direita uma pequena ante-câmara ou extremidade de um corredor da qual está separada por uma porta de um único batente. Na ante-câmara uma pequena secretária e uma cadeira de serviço da empregada, na sala, que tem ao fundo uma janela, todo o mobiliário deve ser constituído apenas por uma "new style", e um jogo de duas cadeiras de braços e canapé, podendo além disso existir elementos de simples decoração que nos coloquem num ambiente antiquado, denotando desleixo.

Actualidade.

ML/

Quando abre o pano, o Senhor e a Senhora estão sentados no canapé. O Senhor de chapéu na cabeça, olhando em frente sem chegar no entanto a denotar fixidez. A Senhora, sentada à direita dele, olha vagamente o chão de cabeça inclinada. O Rapaz entra pouco depois acompanhado da Empregada.

EMPREGADA- O Senhor Doutor demora um pouco mais, hoje.

RAPAZ - Não tem importância. Posso esperar. Não me vou embora sem falar com ele.

EMPREGADA- Faça favor. Com licença (Sai)

SENHOR - Tu não chegaste a dizer-lhe nada...

SENHORA- Pois não. Digo depois.

SENHOR - E se não puder ser?...

SENHORA- Deixa, não tem importância.

SENHOR - Tu não percebes que é uma questão de tempo? (subindo o tom de voz)  
Olha que é uma questão de tempo.  
(O Rapaz levanta ps olhos da revista interrogativamente)

SENHOR - O tempo.

SENHORA- Aquele senhor está a ler. Deixa-o ler.

SENHOR - Se calhar ainda não sabe...

SENHORA- Sabe, sabe, filho. Sabe muito bem.

SENHOR - Anda por aí o cão. Tome cautela. O cão morde.

SENHORA- Este senhor sabe.

SENHOR - Ah! Olha! (Apontando o pulso ligado do Rapaz) Também já lhe mordeu.

RAPAZ - (Embaraçado) Não foi. Caí dum cavalo.

SENHOR - O meu rapaz também teve um cavalo: um cavalo e um sino. Depois aborreceu-se, é claro, e passava os dias ao pé dum tanque grande com água.

Um dia meteu lá o cavalo e o sino. (sorrindo) Coisas de rapaz. O cavalo deu guinchos mas não lhe valeu de nada, acabou por ficar mudo e inchado como um rato morto muito grande.

O sino é que abriu a boca e foi para o fundo.

RAPAZ - Caí dum cavalo.

SENHORA- Podia ter sido pior. Só se magoou no pulso?

RAPAZ - Abri-o.

SENHORA- Não partiu, felizmente.

(O Senhor segue com a vista o pulso que o Rapaz tem ligado. Este logo que se apercebe disso procura escondê-lo).

SENHOR - O Senhor não acreditou.

RAPAZ - Como?

SENHOR - Acreditou?

RAPAZ - Em quê?

SENHOR - Nessa notícia.

RAPAZ - Ah! Sim... Não.

SENHOR - Mau! Sim ou não?

RAPAZ - Pois com certeza que não.

SENHOR - Pudera! Nem ninguém acredita. Que estas coisas são muito complicadas, muito complicadas.

SENHORA - Pois claro. Não estejas a maçar este senhor... Ele estava a ler.

SENHOR - Lá estás tu. Nunca me deixas dizer nada até ao fim. Se não fosses tu as coisas corriam de outra maneira.  
(A Senhora procura trocar olhares de compreensão com o Rapaz, muito a medo).

SENHOR - O senhor estuda?

RAPAZ - (Apercebendo-se dos acenos da Senhora) Últimamente não. Interrompi.

SENHOR - Pois é, pois é. Fez mal. O meu filho é assim como o senhor. Que idade tem?

RAPAZ - Vinte anos.

SENHOR - É da sua idade. O senhor faz anos em...?

RAPAZ - Agosto, 22 de Agosto.

SENHOR - Ele vai fazer 21 em 31 de Janeiro. (Contando pelos dedos) Janeiro, Fevereiro, Março... Hum, hum, hum, Julho e Agosto. 22? Disse 22? Sete meses e nove dias mais velho.

SENHORA - Então não vês que este senhor ia ler?

SENHOR - Não se parecem? (A Senhora não responde mas tem um silêncio triste quase que de assentimento)

SENHOR - É parecido. Sabe? O meu filho apoquentá-me muito. É rapaz. É rapaz, mas há coisas que não se podem tolerar. (A Senhora mostra uma impaciência cada vez mais viva) Tu não gostas de ouvir, já sei mas temos de tomar uma decisão. Faz-se um malandro.

SENHORA - (Para o Rapaz) Não faça caso.

SENHOR - Saiu de casa. Por um lado não é mau. Os rapazes querem-se criados com liberdade. Mas não tanto... É como se nós não existíssemos.

- SENHORA - Então? Vamos à janela. Anda ver a rua. (À parte para o Rapaz) Por amor de Deus não faça caso.
- SENHOR - (À parte para o Rapaz) Coitadita. Não gosta que eu fale disto. Eu compreendo, não, não quer que eu me exalte. E depois, com esta coisa do rapaz não estar em casa, tem uns cuidados comigo. Trata-me como uma criança.
- SENHORA - Vamos José. Vamos lá. (Para o Rapaz) Que hei-de eu fazer, meu Deus? O senhor compreende a minha tortura?
- SENHOR - Coitadita. Aquelle malandro, se me aparece, desta vez racho-o. Roubou-me tudo.
- SENHORA - Então? Não te excites mais. Anda comigo.
- SENHOR - Cá vou, cá vou. (Para o Rapaz) Tenho de a tratar com jeito, coitada. (Dirigem-se para a janela do fundo onde ficam absorvidos na contemplação do movimento da rua. O rapaz retoma a leitura, mostra-se impaciente, consulta o relógio, levanta-se e vai até à porta chamando para dentro)
- RAPAZ - Faz-me o favor. (A Empregada aparece) O Senhor Doutor vem de certeza?
- EMPREGADA - Telefonou a dizer que vinha um pouco mais tarde, mas vem. São seis e meia, já não deve demorar muito. O mais tardar dentro de vinte minutos...
- RAPAZ - Muito obrigado. Desculpe. Preciso de lhe fazer umas perguntas... (A Empregada sai e a Senhora, que se voltara entretanto, avança na cena e vem sentar-se)
- SENHORA - É aborrecido esperar.
- RAPAZ - Não tenho grande pressa, no entanto...

- SENHORA - Para estas coisas é sempre preciso não vir a deitar contas ao tempo. Há que ter paciência. Mas não deixa de ser aborrecido. Nunca a gente sabe. Desculpe estou agora a incomodá-lo.
- RAPAZ - Não, minha Senhora.
- SENHORA - É maçador que tudo isto seja preciso. Ainda quando haja uma esperança e se vejam resultados, mas nestes casos... É um calvário.
- RAPAZ - Às vezes são crises que passam com facilidade.
- SENHORA - O senhor não vem tratar-se, pois não?
- RAPAZ - Não. Venho conversar sobre uns assuntos.
- SENHORA - Desculpe-me. Que hoje em dia toda a gente vem a estes médicos.
- RAPAZ - Às vezes uma pequena ajuda pode-nos resolver coisas capazes de nos dar cabo da vida.
- SENHORA - O meu marido maçou-o...
- RAPAZ - Ó minha senhora, só lamento...
- SENHORA - Vive torturado com aquela ideia. (O rapaz leva a mão ao pulso como que a aliviar uma impressão que sente) Dói-lhe?
- RAPAZ - (Caínda em si) Não. Sinto apenas uma fraqueza.
- SENHORA - Foi grande a queda?
- RAPAZ - Não. O cavalo estava quase parado, isto é, estava a andar mas muito devagarinho.
- SENHORA - E o senhor caíu? Não sabia montar?
- RAPAZ - Sabia. Monto a cavalo desde miúdo. Mas, eu estava em cima do cavalo, o cavalo começou a andar... a passo. Eu tinha um pé fora do estribo, inclinei-me para o lado, escorreguei no selim e caí pre-

cisamente sobre este braço. Foi um trambolhão sem importância.

SENHORA - Imagine! Quem havia de dizer. Podi--se pensar sei lá o quê... e afinal a verdade...

RAPAZ - É então complicado inventar uma coisa que pareça verdade.

SENHORA - Senti bater à porta. Será o Senhor Doutor? (O Rapaz levanta-se, vai à porta e espreita)

RAPAZ - Não. Não é.

SENHORA - Custa imenso estar assim à espera. (O Senhor, que se mantivera quase estático, de costas voltadas para a cena e olhando a rua, tem um movimento de olhar através dos vidros com mais atenção motivada por qualquer coisa que se passa fora. Abre a janela e debruça-se falando para baixo)

SENHOR - Aqui! Aqui! Aqui!

SENHORA - (Levantando-se) Ai! E eu aqui distraída a conversar. Não se pode deixar um momento.

SENHOR - É uma criança. **Atira!** Atira! Mais. Upa! Aaaaaaaaaa. Aaaaaaaaaa.

SENHORA - Então? Vem sentar-te. Depois ficas muito cansado.

SENHOR - E que tem isso? Ele tem de brincar, não achas?

SENHORA - Ele brinca sózinho.

SENHOR - Não se devem deixar as crianças sòzinhas. Aborrecem-se muito. (para fora) **Vá!** **Vá!** **Vá!**  
Cá para cima, cá para cima. Aaaaaaaaaa. Não chega. Com mais força. Aaaaaaaaaa. Está ali! Ali!

SENHORA - Então. José, olha.

SENHOR - Deixa-me. Vocês mulheres não percebem nada disto.

SENHORA - Estás a cansar-te.

SENHOR - Naquela porta, palerma. Um chuto!

SENHORA - Ah! A Senhora! Tu é que tiveste a culpa. Entusiasmaste o pequeno.

SENHOR - Limpe, limpe minha senhora. Vá à fava!

SENHORA - José (para fora) Perdão. Anda para dentro.

SENHOR - Chame lá um polícia! Chame quem quiser!

SENHORA - José!

SENHOR - E assustou a criança. Fugiu!

SENHORA - Anda para dentro.

SENHOR - Esteve quase. Visto?

SENHORA - Ele volta já.

SENHOR - A bola esteve mesmo aqui. Um bocadinho mais força... Vaca!... Estava mesmo aqui.

SENHORA - Ó José! Bem sabes que não podes estar sempre a inquietar-te. Lá porque não tens o teu filho em casa, não podes tratar mal toda a gente por causa dos filhos dos outros. Tens que ter coragem. Ele também é meu filho e não vês como eu vivo tranquila? Basta-me de vez em quando uma carta, um recado...

SENHOR - Mas não me basta a mim. Ó meu Deus! A paciência que é preciso ter! Nisto é que nunca havemos de estar de acordo. Acho tranquilidade de mais. E se eu te visse tranquila... Se visse que no fundo vives descansada como dizes.

SENHORA - Hoje em dia todos querem a sua liberdade e as crianças ainda mais.

SENHOR - Já não é normal. É preciso que compreendas que já não é normal. Cos diabos! Mete-se pelos olhos dentro. É o teu filho, mulher. Não compreendes isto?

SENHORA - E tu não compreendes também, não compreendes que com a vida dele lhe não fica tempo?...

SENHOR - Não insistas. Deixa-me em paz. Eu já sei como é. Sou eu que devo compreender. Sempre! Sempre! Sempre! Aceitar tudo. E cada disparate, coitada, cada disparate. (O Senhor alheia-se novamente observando o movimento da rua. A Senhora, certificando-se que ele está mais calmo, avança novamente)

SENHORA - (Para o Rapaz meio em segredo) É isto sempre, desde que o meu filho morreu. O senhor desculpe.

RAPAZ - Ah! Não tinha percebido.

SENHORA - Pois é. Começou a andar num abatimento muito grande. Foi a nossa felicidade que se foi para sempre. O senhor não imagina como ele era amigo do filho. Chegava a ser demais.

RAPAZ - Há-de lhe passar.

SENHORA - Crê nisso? Eu não. Nada passa. Tenho procurado por todos os meios. E ainda que passasse... quando a desgraça nos bate à porta uma vez é capaz de ser preferível, Deus me perdoe... Sim, porque eu não me queixo da doença dele. Não faz mal a ninguém.

SENHOR - Se há direito disto. Sabe-se lá o que pode acontecer.

SENHORA - (Indo para junto do marido) Não acontece nada, sabes perfeitamente. As más notícias chegam sempre. Sossega um bocado, filho. Sabes perfeitamente que ele está bem. Não te disse ontem?

SENHOR - As tuas notícias, os teus recados de fulano e de sicrano. É ele. Percebes? É com ele que eu quero falar. Há-de ter dificuldades.

SENHORA - Está a preparar uma grande carreira. Os rapazes gostam de se tirar sozinhos das dificuldades. É um orgulho natural... E não lhe sobra tempo.

SENHOR - E eu não o podia ajudar? Há-de ganhar imenso com isso.

SENHORA - Não lhe temos mandado o dinheiro? Não passamos a vida a poupar tudo por causa dele?

SENHOR - Não é só disso que se trata. Não quero que seja um ingrato. Não quero que o meu filho seja um egoísta, um indiferente.

SENHORA - Todos os acham adorável. Ter amor-próprio não quer dizer que seja um egoísta. Se fizesse coisas que nos envergonhassem, mas todos dizem o contrário.

SENHOR - Os outros. Sempre os outros. Às vezes quanto mais não valia que lhes cuspiasse na cara. Se me dissesse que cuspiava na cara dos patifes...

SENHORA- Com certeza que já cuspiu. Mas bem vês, isso não são coisas que as pessoas venham contar.

SENHOR - Aí não? E a mim? Isto não é pior que cuspir na cara? (Pela janela aberta entra uma bola de criança que bate no chão e rebola pela sala)

SENHORA- Lá vem a maldita bola.

SENHOR - Conseguiu! Deixa que eu vou dar-lha. (O Senhor faz menção de ir apanhar a bola mas a Senhora adianta-se-lhe e apanha-a primeiro)

SENHORA- Não te canses mais. Já não tens idade para isso. Se pensasses no que ando a pedir-te há que tempos. Porque não lhe escreves uma carta a dizer tudo o que lhe tens a dizer? Havia de ver que ficavas melhor!

SENHOR - Cartas! Estou farto de cartas. Nem uma linha. (Um pouco bruscamente o Senhor tira a bola das mãos da Senhora e dirige-se à janela)

RAPAZ - A senhora faz crer ao seu marido?...

SENHORA - Nunca o contrário, isto é, digo-lhe sempre que ele não se esqueceu de nós, invento notícias, recados, só quando o vejo mais exaltado. O médico não quer, diz que é contraproducente, que possa impedir a cura (fitando o Rapaz nos olhos) Acha que faço mal?

RAPAZ - Não sei. É possível que o médico tenha razão. Se há uma cura,...

SENHORA - Qual cura? Quem é que nos pode curar?

RAPAZ - Nos pode curar!... Mas a senhora...

SENHORA - Chego a não ter a certeza. Só desejava acreditar mais quando invento as mentiras. Inventar de maneira a que acreditásse-mos os dois.

RAPAZ - Talvez devesse resignar-se e ajudá-lo.

SENHORA - Resignar-se. O senhor é um rapazinho. Não sabe. Não pode saber com certeza o que é um desgosto (agitação do Rapaz A sério. Irremediável. Não tem cara disso.

RAPAZ - Sou novo já sei... E e a senhora porque não confia no médico?

SENHORA - Que pode saber o médico disto? Quer que lhe diga? Qualquer dia não venho aqui mais. É só eu ter a certeza de que sou capaz de continuar. Para que há-de ele saber as coisas enquanto me tiver. (Lança um olhar vigilante ao Senhor que continua na janela sempre entretido a receber a bola e a jogá-la para baixo)

RAPAZ - Pela senhora, também. É um martírio.

SENHORA - Eu já não conto. Nós já não contamos. Que hei-de eu fazer se ele precisa tanto de mim. Só me apavora a ideia de viver menos tempo do que ele. Mas que horas são? (Sem esperar resposta a Senhora vai para junto do marido, toma-lhe a bola das mãos no momento em que

ele a apanha no ar) Toma menino, toma. Vai-te embora! Adeus! E tu deixa-te estar um bocado descansado. Está frio. Fecha a janela. (Executam) Olha o movimento que já há. (Entretanto o rapaz, que consultara o relógio no momento em que a Senhora lhe perguntara as horas, alheia-se do casal, com um ar apreensivo, encaminha-se para a porta passando-a e fica junto da secretária da Empregada. Esta, que poucos momentos antes entrara em cena com um maço de fichas que entretanto estivera pondo em ordem, levanta-se e sai com elas na mão regressando quase imediatamente. Traz novas fichas e mais papelada. Dispõe tudo sobre a mesa num ritmo rápido, demonstrativo de eficiência. Ao ver o rapaz dirige-lhe a palavra, sem o olhar, com uma amabilidade convencional)

EMPREGADA- (Folheando os papeis) Hoje demora um pouco mais.

RAPAZ - Estou farto de estar sentado.

EMPREGADA- Quem me dera. Tenho que deixar isto hoje em ordem. Que vida. Já re- vi mil e quinhentas fichas. Estava atrasado o serviço (folheando um livro de registo) 1492, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99. (Bate as fichas como um baralho de cartas)

RAPAZ - Está muito cansada?

EMPREGADA- (Sorriso olímpico de simpatia) É serviço que tem de se fazer. (fe- cha o livro)

RAPAZ - Deixou-se atrasar? (A Empregada não responde e tem um alheamento como que reprovativo, de quem não pode ser distraída. Abre outra vez o livro)

EMPREGADA- (Alto, para si próprio) Em 3 de Julho... 12 182. (Levanta-se e sai)

SENHORA - (No vão da janela olhando a rua) Que vaivém. É a hora pior. Nem uma pessoa a passear. Todos a correr. Já reparaste como correm? É a hora da saída dos empregos. (A empregada entra novamente)

- EMPREGADA- Pronto. Agora tenho um bocado para descansar. Ainda bem que está cá. Sempre posso conversar um bocado consigo. Que hoje nem trouxe nada para ler. Tenho aqui o meu crochet, não consigo estar sem fazer nada. (Sorrindo) Porque é que os homens não fazem crochet?
- SENHORA - Os homens andam mais devagar que as mulheres. Devem gostar mais de passear.
- SENHOR - Asneiras!
- RAPAZ - Acho que isso não resolvía nada.
- EMPREGADA- Mas para entreter... É tão simples e distrai tanto.
- RAPAZ - Juro-lhe que eu nunca seria capaz.
- EMPREGADA- Não acredito. Sabe que dizem que é uma terapêutica excelente.
- RAPAZ - Creio que já li isso mas não acredito.
- EMPREGADA- Venha cá. Ponha a linha neste dedo, agora a agulha. Eu faço com as suas mãos, deixe ver. Não faça força (procura colocar-se por trás do RAPAZ de maneira a poder verificar-lhe os movimentos) Passe a mão por aqui. Mau! Assim não vejo (muda de posição passando-se para o meio dos braços do RAPAZ, que lhe procura seguir os movimentos espreitando com a cabeça por cima do ombro dela) Ali. Agora ali. Agora é fechado. Espere, tenho de contar.
- RAPAZ - Faz-me impressão aquele casal.
- EMPREGADA- Teve um esgotamento em seguida à morte dum filho.
- RAPAZ - Eu sei que lhes morreu um filho. A senhora disse-me.
- EMPREGADA- Vêm aqui há pouco tempo. Têm corrido tudo. O Senhor Doutor aborrece-se imenso com ela. Qualquer dia está pior do que ele.
- RAPAZ - Chega a ser maravilhoso.

- EMPREGADA- Já nos enganámos. Deixe ver que tenho de desmanchar.
- RAPAZ - Não conseguiu resignar-se.
- SENHORA - (Ainda no vão da janela) Hás-de ver que ele acaba por vir. Está sempre a dizer: Saudades para o pai. Um abraço para o pai, ao meu pai que eu nunca esqueço...
- SENHOR - Idiotices.
- SENHORA - É teu filho.
- SENHOR - Não posso mais. Não posso mais.
- EMPREGADA- Vamos lá com atenção para não nos enganarmos outra vez. Passe o seu braço por aqui. (Encaminha o braço do Rapaz por debaixo do seu, a passar junto ao seio) Havia de passar a vida aqui...
- RAPAZ - Gostava?
- EMPREGADA- (Num tom mais seco) Para se habituar a ver estas coisas. O filho é que pagou as favas.
- SENHOR - Vais ver que nunca mais vem.
- SENHORA- Já te não digo nada, filho. Só te exaltas comigo. Também devias ter pena de mim.
- EMPREGADA- A opinião do Senhor Doutor é que isto se daria mesmo que o filho não tivesse morrido. Assim, pagou por ali.
- RAPAZ - Enganámo-nos?
- EMPREGADA- Não. É o seu braço. Magoou-me. Veja lá se é capaz de fazer isso sozinho.
- RAPAZ - Sozinho nunca serei capaz.
- EMPREGADA- Experimente.

RAPAZ - Não prestei atenção. Não sei como é.

EMPREGADA- Eu já lhe ensinei.

RAPAZ - Mas consigo é diferente, é extraordinariamente mais fácil. Guie-me as mãos. Só mais um bocadinho, a ver se eu aprendo. Passe as suas mãos por aqui... (aponta debaixo dos braços) Mais. (a Empregada executa um pouco contrafeita) Ainda não chega. Mais... assim. Vamos.

SENHOR - Tu, num desses recados, numa dessas cartas, não lhe podias pregar uma descompostura? Mostrares-te sentida ao menos.

RAPAZ - Todas as pessoas se deviam passar assim para dentro uma das outras como aquela senhora e aquele senhor. Só o Senhor Doutor é capaz de compreender tão bem tanta gente. E talvez naquele caso não possa mais do que ela. Se as pessoas se dessem inteiras... Às vezes se alguém nos tomasse nos braços sem nós sabermos quais eram os nossos braços... Parou? Ainda não sou capaz de ir sozinho...

EMPREGADA- E quem poderia meter-se assim na pele de todas?

SENHOR - Mas porquê isto? Porque teima ele em fugir à nossa amizade? Tenho fingido acreditar que é o tempo, mas não posso mais.

RAPAZ - Ora aí está uma coisa que eu nunca tinha pensado. A profissão, a maldita profissão.

EMPREGADA- A profissão?

RAPAZ - O mundo está cheio de gente que vende coisas. Gato por lebre.

EMPREGADA- Que tem isso? Porque não havemos de confiar na seriedade de cada um? As pessoas vão até onde podem ir.

RAPAZ - Gato por lebre!

EMPREGADA- Receio que tenha interpretado mal as minhas palavras.

RAPAZ - Engana-se. Nem você sabe o que disse: Quem poderia meter-se assim na pele de todos?

EMPREGADA- Ora, foi-se zangar por isso... E que tem isso a ver às vezes com a dedicação, com a paciência...

RAPAZ - Dedicação, paciência. Tudo isso é de fora. Comunhão devia você dizer.

EMPREGADA- Certamente não me soube expressar. Comunhão, é isso.

RAPAZ - Comunhão mas não é comunhão... E comunhão verdadeira, é comunhão.

EMPREGADA- Não ouviu tocar? Parece-me que tocaram. Devo estar a ser precisa lá dentro. Eu volto já. Sossegue. (Apontando o "crochet") Vá vendo se é capaz. Espere aqui por mim um bocinho, está bem? Não vá para a sala. (O Rapaz pega no "crochet" que atira para o lado imediatamente. À medida que a conversa entre o Senhor e a Senhora vai subindo de tom aproxima-se da entrada da sala)

SENHOR - A dois passos de nós e não lhe é possível... É que não quer. E tu sabes perfeitamente porque é que ele não quer. E vais-me dizer agora porque é que ele não quer. Agora vais ter paciência mas vais-me dizer a verdade. Porque é que ele me odeia?

SENHORA - Mas não é verdade.

SENHOR - O que é que não é verdade?

SENHORA - Ele não te odeia.

SENHOR - Quero uma explicação mais clara. Julgas que sou parvo? Sou muito teu amigo, nunca te bati... (ameaçador) Estás a ouvir-me? Nunca te bati... (Cresce para a Senhora que lhe foge avançando até ao meio da cera. O Senhor persegue-a, acabando por a agarrar por um braço. A Senhora encolhe-se com medo, enquanto o Senhor, de costas viradas para a entrada da sala, vai tomando uma atitude cada vez mais agressivo)

SENHORA- José! José! Não! Não!

(O rapaz surge no vão da porta, a Senhora fita-o esgazeadamente acabando por apontar para ele quando o marido a vai a agredir)

Diz-lhe tu! Diz-lhe tu!

(O senhor volta-se, olha para a rapaz e fica meio indeciso. A senhora ergue-se pouco a pouco e abraça o marido pelas costas, poisando o queixo no ombro dele e falando-lhe ao ouvido)

SENHORA- Cresceu, nestes anos todos. Está mais forte...

SENHOR - Anda cá.

RAPAZ - Eu ?

SENHORA -Não tenhas medo.

SENHOR - Eu estava capaz de dar cabo de ti. A tua mãe já sabia que tu cá estavas. (a senhora faz sinais ao rapaz para ele responder que sim. O rapaz fica estático e não responde nada . O senhor avança para ele)

SENHOR -(Aparte) Fizeste bem em vir. Deves vir de vez em quando. Por mim, sou homem e compreendo bem estas coisas, nem pensas nisso, não é? Mas por ela coitada...Tu não vês o estado em que ela está ?  
É sempre ela que me dá notícias tuas, eu nem digo nada para não a apouquentar, mas bem vejo que lhe custa. As mulheres vêem estas coisas doutra maneira. (Alto) Cresceu imenso. Não cresceu? Anda sentar-te. Temos muito que falar.

RAPAZ -Eu?

SENHOR - A tua mãe falou-me dos teus trabalhos, daquele prémio... Parece impossível não me teres dito nada. A tua mãe falou-me em qualquer coisa de análises químicas. Está óptimo não está? E está pêssego...Tens a quem sair. E no feitio, esse feitiozinho, essa independênciazinha. Ninguém se perde por querer ser independente. Quando a gente sabe o que quer ninguém nos consegue destruir.

SENHORA - Eu não te dizia? Aí tens porque eu me não apoquentava.

SENHOR - Não te apoquentavas. Essa mania da coragem. Eu bem vejo. Ainda há bocedo estavas com uma cara. Agora pareces outra.

SENHORA - Eu? Eu estou sempre na mesma. O que me aflige é ver-te consumido.

SENHOR - (Para o Rapaz) Tens tido dificuldades? O dinheiro tem chegado a tempo? (A Senhora faz sinal para que ele diga que sim)

SENHOR - Agradece-lhe a ela. Por mim já te tinha deixado rebentar. Não imaginas a raiva com que te fico às vezes. É ela que trata de tudo. Mas vá lá, sempre valeu a pena.

SENHORA - Valeu a pena.

RAPAZ - Deve valer a pena...

SENHOR - Valeu.

SENHORA - Vocês parecem pessoas de cerimónia, parecem estranhos.

SENHOR - Eu compreendo. Ele devia vir cheio de medo a imaginar desculpas. Não é preciso, dá cá um abraço, Aposto que queres voltar para casa.

SENHORA - Ó filho, agora que já está um homem.

SENHOR - E depois? Também deve pensar em nós, nesta tristeza em que vivemos. Nunca pensas nisso?

RAPAZ - Fenso...

SENHORA- Faz-me impressão vê-los de pé, parece-me que se vão deixar. Sentem-se.

SENHOR - Ficas ao menos uns tempos com a gente?

SENHORA- Não comeces já a forçá-lo.

SENHOR - Lá estás tu.

- SENHOR - (Olhando em roda) Como esta casa fica diferente... Hovemos de arranjar isto tudo a pouco e pouco. (Olhando a mesa fixamente) já devias ter tirado aquela mesa dali. Com aquelas revistas em boçados... parece que já andaram no caixote do lixo. Quando estamos sós não tem importância nenhuma, mas quando ele vem...
- SENHORA - Não me tinha lembrado, desculpa. Não posso ter cabeça para tudo, mas não tem mal, tira-se para ali. (O Senhor e a Senhora agarram na mesa um de cada lado e vão encostá-la à parede da esquerda. O Senhor toma o centro da cena)
- SENHOR - Ah! Já se está melhor. Hás-de concordar que é preciso correr com aquela mesa. É horrível.
- SENHORA - Tens razão, nunca tinha reparado.
- SENHOR - E esta porcaria destes jornais? (dirige-se à mesa) Onde é que foste buscar isto? O "Illustrated London News", de há dez anos. Dez anos. Tu és maluca minha filha. Isto deita-se fora.
- SENHORA - Tens razão. Deita-se fora. (agarra nas revistas de braçado e vai pô-las ao canto da esquerda) Como ninguém as lê vão ficando para aí.
- RAPAZ - São coisas que esquecem, é perfeitamente natural.
- SENHOR - Mas não deviam esquecer. As pessoas deixam passar em branco estas pequenas coisas, mas não pode ser. Que eu também nunca tinha reparado. Agora por tua causa é que vi...
- SENHORA - Que impressão me faz vê-los de pé. Sentem-se. (Sentam-se ficando à distância exagerada a que estão as cadeiras. O Senhor no canapé ao centro, a Senhora na cadeira da esquerda e o rapaz na cadeira da direita)
- SENHOR - Que rais! Que longe que estão estas cadeiras. Vamos lá experimentar uma coisa (para o Rapaz apontando o lugar vago no canapé) Anda para aqui, mas põe essa cadeira ali ao pé da porta. (para a mulher) E tu puxa essa cadeira aqui para o pé de nós, (para o Rapaz) Ajuda

a tua mãe. (para a mulher) Era ~~assim~~ que estava, não era? Tu não modificaste a sala?

SENHORA - Ó filho, eu tinha lá cabeça para isso. Foi a mulher a dias. Estava arrumado pela mulher a dias.

SENHOR - Via-se bem. (Para o Rapaz) Mas que andas tu a fazer tão ocupado?

SENHORA - Então, filho, eu não te disse da bolsa de estudo?

RAPAZ - É. Tive uma bolsa de estudo.

SENHOR - Uma bolsa de estudo?

SENHORA- Eu tinha-te dito. Esqueces-te de tudo.

SENHOR - Esta minha cabeça. É verdade, agora me lembro. Foi quando... Quando é que foi isso?

SENHORA- Eu ia contar.

RAPAZ - É. Tive uma bolsa de estudo.

SENHORA- Por causa daqueles trabalhos...

RAPAZ - Por causa daqueles trabalhos... foi.

SENHORA- Daquele premio de análises químicas.

RAPAZ - Pois é... daquele prémio de análises químicas.

SENHORA- Foi por isso.

SENHOR - Ó filha, porque é que estás sempre a interromper? Ele ia dizer...

RAPAZ - Tive uma bolsa de estudo por causa daqueles trabalhos de prémio de análises químicas.

SENHORA- Pois.

- RAPAZ - Analisei uns elementos e verifiquei...
- SENHOR - Era isso mesmo que eu pensava. O que tu gostastes sempre disso. Sempre imaginei que seria a tua carreira. Lembra-te quando eras miúdo? Ainda bem que não fiz falta. É esse orgulho de continuar sózinho. Não imaginas a alegria que me dá.
- SENHORA - E a mim, a mim também. Não percebo nada do que estas a fazer mas também tenho uma alegria enorme.  
Ias a contar o que era o trabalho.
- RAPAZ - Fiz a análise de nus elementos e descobri...
- SENHOR - E os mestres, o que disseram os mestres?  
No meu tempo não era assim, tínhamos mais receio. Fazes bem. É bom começar cedo. É a bolsa? Para onde é a bolsa?
- RAPAZ - É para a Alemanha. Vou para a Alemanha.
- SENHORA - É. Vai para a Alemanha. Eu sabia mas queria fazer-te uma surpresa. Ele dizia que havia de estar connosco antes de partir.
- SENHOR - Então agora é que a gente nunca mais te põe a vista em cima. Não nos fazes isso, pois não? Quando voltares é que hás-de ter que contar.
- RAPAZ - Infelizmente estarei cá pouca tempo. Tenho uma colocação prometida na América do Sul, na **Venezuela**, numas pesquisas...
- SENHOR - ~~Nãããããã~~... Não te enterres em vida. Deixa-te disso. Venezuela. Ora Venezuela. Um rapaz como tu que todos sabem que tem valor. Não te deixes enterrar. Nisso é que eu posso dar-te conselhos. Vocês são novos e iludem-se nessa ânsia.
- SENHORA - Ó filho, mas se ele foi capaz sózinho...
- SENHOR - Não faças nada sem falar comigo. Não arranjes compromissos de que não te ~~possas~~ safar. Que isto são todos muitos nossos amigos, mas a última hora é o diabo.
- RAPAZ - É preciso aproveitar as oportunidades.

- SENHOR - Ora vai lá à Alemanha, trabalha e vais ver como aparecem outras. Não te enforques com a pressa. Eu sei muito bem como isso é. Por isso é que eu gosto de falar contigo.
- Às vezes vale mais a gente ter uma incerteza uns tempos... Isso é que vocês, rapazes não podem perceber. Nem admira. Enfim! Estás criado, estás educado... Agora é contigo. Mas lembra-te de mim.
- SENHORA - Então não lembra? Eu sempre te disse. As mães sentem isso tão bem. (para o Rapaz) Quando é que partes?
- RAPAZ - Quarta-feira.
- SENHOR - Neste dias tens de aparecer. Tenho que te dizer tudo. Não te esqueças que sou teu pai. Quero ajudar-te. Ouvistes?
- Nem quero que me escondas nada. Tu não tens raiva ao teu pai, pois não? Tu compreendes-me? Às vezes chegava a pensar que era por isso que não aparecias e não podes imaginar o que eu sofria. Não há pior desgraça do que não ter ninguém a quem falar de tudo. É capaz de haver pais que não sintam isto, mas eu sei lá do que era capaz se desconfiasse que me ocultavas alguma coisa.
- RAPAZ - (Levantando-se como que atirado) Deixem-me por amor de Deus!
- SENHORA - Então meu filho. Ele não te faz mal. Ele é bom. Tudo isto é para teu bem, para nosso bem. Não te assustes.
- RAPAZ - (De lágrimas nos olhos) Não é isso! Deixem-me!
- SENHOR - Estás a ver? Se tudo tivesse corrido normalmente, dia a dia, dispensavam-se perfeitamente estes momentos dramáticos. Limpá lá essas lágrimas, anda.
- SENHORA - Vá filho. Coragem.
- SENHOR - (Para a senhora) Muda de assunto. (Para o Rapaz) Anda lá, senta-te. Continua o que estavas a contar. (O Rapaz não responde)
- SENHORA - Então meu filho, o que estavas a contar...
- SENHOR - (Para a Senhora) Tem calma, tu também.
- (Para o Rapaz) Olha lá, e os teus amigos?

- RAPAZ - (Vago) Os meus amigos?...
- SENHOR - Sim. Aquele, o Ernesto, que tinha muito jeito para o desenho. Tem -lo visto?
- RAPAZ - (A pouco e pouco recomposto) Poucas vezes. Tem a vida dele...
- SENHOR - Tinha jeito, tinha jeito. Fazia uns bonecos com uma graça... Ainda tens aquele retrato que ele fez?
- RAPAZ - Tenho...
- SENHOR - E o outro, aquele que morava... um muito envergonhado... Não me lembra o nome dele.
- SENHORA - O Américo.
- RAPAZ - Sim o Américo (serenidade forçada) Esse é que vejo muito pouco. Creio que está a estudar Direito.
- SENHOR - Direito? Quem diria? Tão metido consigo. É isso mesmo, a idade modifica.
- RAPAZ - Sim, creio que sim. (falsa animação) Estive a conversar com ele umas vezes e pareceu-me muito modificado. Entusiasmado, discutindo por tudo e por nada e até com um certo dom de palavra, é verdade. É extraordinário como a gente se modifica.
- SENHORA - Ele até era mau aluno em Português.
- RAPAZ - Pois era! Não gostava nada.  
(Entretanto o Senhor fixou com a vista o pulso ligado do rapaz, que apercebendo-se disso, procura disfarçar dando mais vivacidade à conversa) Nunca mais me esquece aquela história da redacção das uvas. O professor tinha mandado fazer uma redacção sobre as uvas, ele ficou a olhar não queria escrever, não era capaz de escrever de maneira nenhuma. Nós, que estávamos à volta, vimos aqui-lo e era tudo: Escreve... É pá esoreve... Ó pá esoreve qualquer coisa... As uvas... (O rapaz começa a evindenciar uma certa atra palhação) As uvas...  
(O Senhor está quase debruçado sobre ela; olhando o pulso, toma uma expressão interrogativa, aponta)

SENHOR - O que é que tu tens aí? .

RAPAZ - Caí de um cavalo...

SENHORA - Ele aprendeu a montar cavalo. Escorregou do cavalo parado, à procura do estribo.

SENHOR Mostra cá.

(O Rapaz muito a medo estende a mão)

Deixa ver.

(Sem dar tempo a mais nada desenrola a ligadura nervosamente)

Mas tu tens uma golpe. Mas tu tens pontos.

SENHORA - Um golpe?

RAPAZ Não pode mais. Cortei! Cortei!

SENHORA - Cortou.

SENHOR - Não podias mais porquê? O que é que tu fizeste?

RAPAZ - Deixem-me!

SENHOR - Já vais ver quem é que te deixa!

RAPAZ - Não vos quis dizer, não vos queria afligir.

SENHOR - Malandro! Malandro! (bate-lhe) Com que então não tinhas tempo?... Eu racho-te! E nós? Nós não existíamos? (Esbofeteia-o furiosamente)

RAPAZ - Pai! Pai! não foi o que julga. Foi no laboratório, uma proveta...

SENHORA - Não lhe batas, José. Foi uma proveta. (agarra o Senhor) Não me contaste nada, filho.

RAPAZ - (Recompondo-se) Não vos quis impressionar. São coisas que acontecem. É raro acontecerem mas acontecem... nos laboratórios. Tive muito sorte.

SENHOR - Mas como arranjuste isso?

RAPAZ - Mãe, ate-me a ligadura, por favor.

SENHORA - Vamos lá ver se sou capaz...

SENHOR - Houve alguma explosão?

RAPAZ - Pequena, muito pequena. A proveta tombou, partiu-se. Eu quis evitar que as chamas se propagassem. Podia haver uma explosão maior. Estavam ao pé várias coisas combustíveis, altamente combustíveis...

SENHORA - Que perigo! Podia ter morrido imensa gente. Salvaste imensa gente.

RAPAZ - Dois empregados... Estavam no gabinete ao lado, não dava tempo.

SENHORA - Dois empregados. Se calhar com família, mulher e filhos. Salva-te-os todos.

SENHOR - Tu não leves a mal esta minha exaltação. Isto não é desconfiar, estás a ouvir? Mas nunca saber nada... Eu acredito em ti, ouviste?

RAPAZ - Daqui em diante vou trabalhar noutras condições. Acabou-se o perigo de morte. Acabou-se. Não fosse ser o trabalho que é, com a importância que tem para todos, e chegava a ser desumano.

SENHOR - Impõe-te sempre meu filho. Sempre que tiveres razão faz barulho. (A Senhora, enquanto eles falam, foi até à mesa e rabiscou qualquer coisa num papel, vindo de seguida para junto do Rapaz. Agarrá-lhe o pulso e acaba de o ligar)

SENHORA - O alfinete? Onde foi parar o alfinete?

RAPAZ - Deve estar caído para aí. (Olham todos para o chão à procura do alfinete. O Senhor afasta-se um pouco mais a procurar e a Senhora, aproveitando o momento, mete o papel que escreveu na mão do Rapaz)

SENHORA - (Para o Rapaz) Tome a nossa morada. Procure-nos estes dias.

ML/

RAPAZ - Estou esgotado. Tenho de me ir embora.

SENHORA - Peço-lhe. Estes dias só... (intencional) antes da partida. (Alto)  
Então o alfinete?

SENHOR - Apareceu! Está aqui. (abaixa-se e a custo apanha o alfinete que vem entregar com uma expressão sorridente)

RAPAZ - Tenho de me ir embora.

SENHOR - Já?

RAPAZ - Tenho de me ir embora.

SENHOR - Não ficaste zangado? Não quero que te vás embora zangado.

RAPAZ - Vou jantar com um professor que me vai dar uma carta de recomendação.

SENHOR - Quando voltas?

RAPAZ - Não sei quando poderei.

SENHORA - Antes da partida...

SENHOR - Vem amanhã, temos que pensar numa despedida, convida os teus amigos.

RAPAZ - Boa noite, pai.

SENHOR - Dá cá um beijo, rapaz.

SENHORA - Muitos, muitos beijos. (abraça-se ao Rapaz e beija-o repetidas vezes)

RAPAZ - Boa noite até amanhã.

SENHOR E SENHORA - Até amanhã. (O Rapaz sai)

SENHOR - Que belo rapaz.

SENHORA - Já ficaste descansado?

SENHOR - Ainda tenho umas coisas a dizer-lhe, mas ele é esperto. Ficou impressionado. Reparaste? Olha! E se fôssemos dar uma volta?

SENHORA - (Com ansiedade) Vamos. Vamo-nos embora. (Quando vão a encaminhar-se para a saída a Empregada aparece à porta da sala, olha em redor, nota a desarrumação com espanto, procura o Rapaz e acaba por fixar o Senhor e a Senhora)

EMPREGADA - O Senhor Doutor chegou.

SENHORA - Muito boas noites.

SENHOR - (Tirando o chapéu numa vénia exagerada) Muito boa noite, minha senhora. (para a mulher) Quem é?

SENHORA - Uma vizinha. Não conheces?

SENHOR - Talvez, de vista. Cumprimentei-a. (Vão saindo lentamente como em passeio. A Empregada olha-os sem dizer palavra. Enquanto andam, o Senhor meneia a cabeça num gesto de complacência) Imagine-se. Cai dum cavalo. Que história. Que história incrível. Para não nos afligir. Cai dum cavalo... (A Senhora condu-lo pelo braço ao sair da porta, adiantando-se)

-CAI O PANO-

ML/